



7 • Correio Braziliense — Brasília, quinta-feira, 26 de dezembro de 2024

Bolsas Na segunda-feira	Pontuação B3 Ibovespa nos últimos dias	Dólar Na segunda-feira	Salário mínimo	Euro Comercial, venda na segunda-feira	CDI Ao ano	CDB Prefixado 30 dias (ao ano)	Inflação IPCA do IBGE (em %)
1,09% São Paulo	121.187 18/12 19/12 20/12 23/12	R\$ 6,185 (+ 1,86%)	R\$ 1.412	R\$ 6,440	12,15%	12,29%	Julho/2024 0,38 Agosto/2024 -0,02 Setembro/2024 0,44 Outubro/2024 0,53 Novembro/2024 0,39
		Últimos					
		17/dezembro 6,096					
		18/dezembro 6,265					
		19/dezembro 6,123					
		20/dezembro 6,072					

SEU BOLSO ESPECIAL



Selic em alta torna o Brasil o país da renda fixa

A combinação de juros elevados, inflação acima da meta e um cenário fiscal ainda incerto faz da modalidade uma das escolhas mais atraentes para 2025. Segundo especialistas, a opção se tornou um "porto seguro" para investidores

» FERNANDA STRICKLAND

Expectativas para 2025

A expectativa é que a atratividade da renda fixa continue nos próximos anos, sustentada pelos fatores já mencionados

Em meio a um cenário de incertezas econômicas e fiscais, a renda fixa se consolida como uma das opções mais atraentes para investidores em 2025. Combinando estabilidade, previsibilidade e retornos atrativos, essa modalidade ganha cada vez mais destaque no mercado financeiro, principalmente em um contexto marcado por juros elevados, inflação persistente e desafios fiscais no Brasil. Para entender o que torna a renda fixa tão interessante neste momento, é essencial analisar os fatores econômicos que estão impulsionando essa preferência, bem como as oportunidades que ela oferece para diferentes perfis de investidores.

Um dos pilares que sustentam a atratividade da renda fixa é a Selic elevada, que deve atingir 14,25% ao ano em 2025. A taxa básica de juros é a principal referência para os rendimentos da renda fixa, tornando os títulos pós-fixados extremamente competitivos. O Banco Central mantém essa política de juros altos para conter a inflação, que permanece acima do teto da meta estabelecida.

De acordo com Viviane Las Casas, especialista em renda fixa da Valor Investimentos, diversos fatores estão impulsionando o apelo por essa modalidade. "A combinação de juros elevados, inflação acima da meta e um cenário fiscal ainda incerto faz da renda fixa uma das classes de ativos mais atraentes em 2025", analisa.

Ela explica que o cenário atual oferece retornos elevados tanto no curto quanto no longo prazo. "Com a Selic em patamares elevados, a renda fixa se torna uma alternativa segura e rentável, especialmente para quem busca estabilidade em meio a um ambiente macroeconômico desafiador", explica.

Além dos juros altos, a inflação desempenha um papel crucial na atratividade da renda fixa. Projeções indicam que o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) encerrará 2025 em 4,59%, acima do teto de 4,5% estabelecido pelo Banco Central. Esse cenário reforça a importância de investimentos que protejam o poder de compra do investidor. Títulos atrelados ao IPCA, como o Tesouro IPCA+, são especialmente recomendados para quem deseja retornos reais positivos. Segundo Las Casas, "os títulos indexados ao IPCA oferecem segurança contra a inflação e são uma excelente alternativa para preservar o poder de compra ao longo do tempo".

Risco

Outro fator que impulsiona a migração para a renda fixa é o cenário de incertezas fiscais no Brasil. Apesar das recentes medidas anunciadas pelo governo, analistas consideram que as ações propostas ainda não resolvem os

Juros elevados: Projeções indicam que a Selic pode atingir 14,25% ao ano após maio de 2025.

Pressões inflacionárias: A inflação só deve convergir para a meta em 2026, reforçando a necessidade de manter juros altos.

Risco fiscal: Enquanto não houver um plano robusto e crível para o equilíbrio fiscal, a renda fixa continuará sendo a escolha preferida de investidores que buscam segurança e bons retornos.



Fonte: Viviane Las Casas, especialista em Renda Fixa da Valor Investimentos

problemas estruturais das contas públicas. Essa fragilidade fiscal aumenta a percepção de risco econômico, levando investidores a buscar ativos mais seguros.

Viviane enfatiza que a renda fixa é vista como um "porto seguro" em momentos de volatilidade. "Enquanto não houver um plano robusto e crível para equilibrar as contas públicas, a renda fixa continuará sendo uma escolha preferida para investidores que buscam estabilidade e bons retornos", explica.

As oportunidades na modalidade não se limitam a um único perfil de investidor. Para aqueles que priorizam liquidez e baixo risco, os ativos pós-fixados, indexados ao CDI, são ideais. Esses títulos acompanham as taxas de mercado e oferecem proteção contra oscilações econômicas. Entre as opções disponíveis, destacam-se os CDBs pós-fixados, que podem oferecer taxas de até 117% do CDI, dependendo do emissor e do prazo. Já para investidores que desejam retornos superiores à inflação,

os títulos atrelados ao IPCA são a melhor escolha. Esses ativos combinam segurança com rentabilidade real, preservando o poder de compra e garantindo retornos atrativos.

Títulos isentos de Imposto de Renda, como LCLs (Letras de Crédito Imobiliário) e LCAs (Letras de Crédito do Agronegócio), também são alternativas vantajosas, especialmente para pessoas físicas. Além de oferecerem alta segurança, esses títulos maximizam os ganhos líquidos. Outro destaque são as debêntures incentivadas, voltadas a projetos de infraestrutura, que proporcionam diversificação e eficiência tributária em um cenário de juros elevados.

Estabilidade

Para aproveitar ao máximo as oportunidades na renda fixa, é importante adotar uma estratégia diversificada. Las Casas recomenda a combinação de ativos pós-fixados e títulos atrelados ao IPCA para equilibrar segurança,

Dicas práticas para investir

Diversifique sua carteira: Combine ativos pós-fixados e IPCA+ para equilibrar segurança, liquidez e retorno real.

Escolha prazos adequados: Alinhe os prazos dos investimentos aos seus objetivos financeiros, considerando curto, médio e longo prazo.

Avalie a qualidade do emissor: Priorize emissores com bom histórico e ratings elevados para reduzir riscos.

Aproveite as vantagens fiscais: Títulos isentos de impostos são especialmente vantajosos para investidores de longo prazo.

Dividend Yield Atraente: Mesmo com a taxa Selic elevada, investir na bolsa de valores pode ser uma estratégia interessante, especialmente ao considerar ações que oferecem um Dividend Yield (DY) superior a 12%.

O que avaliar ao investir em ações com alto DY?

Sustentabilidade dos dividendos: Verifique se a empresa possui lucros consistentes, baixo nível de endividamento e boa capacidade de geração de caixa. Essas características indicam uma maior probabilidade de manutenção ou aumento dos dividendos no longo prazo.

Setor de atuação: Alguns setores são mais resilientes em períodos de juros elevados, como os de seguros, energia elétrica e bancos. Empresas como BB Seguridade (BBSE3) têm sido destacadas por analistas devido à sua solidez e capacidade de se beneficiar em cenários de juros altos.

Perspectivas econômicas: Considere o impacto do ambiente macroeconômico sobre a empresa. Setores mais sensíveis ao custo do crédito, como imobiliário e consumo, podem enfrentar maiores desafios, enquanto setores defensivos tendem a performar melhor.

Valorização do ativo: Além dos dividendos, avalie o potencial de valorização da ação. Empresas que pagam bons dividendos, mas que apresentam quedas significativas no preço de suas ações, podem não oferecer um retorno atrativo no longo prazo.

liquidez e retorno real. "Diversificar a carteira é essencial para aproveitar os benefícios da renda fixa em diferentes cenários econômicos. Além disso, é fundamental alinhar os prazos dos investimentos aos objetivos financeiros de cada investidor", ressalta a especialista.

Apesar do destaque da renda fixa, alguns investidores podem se perguntar se ainda vale a pena apostar na Bolsa de Valores em um contexto de juros altos. A resposta depende de uma análise cuidadosa. Ações com Dividend Yield (DY) superior a 12% podem ser uma boa alternativa, especialmente para quem busca uma fonte de renda passiva. No entanto, é crucial avaliar a sustentabilidade dos dividendos, a saúde financeira da empresa e o impacto do cenário macroeconômico sobre o setor em questão. Setores mais resilientes, como seguros, energia elétrica e bancos, tendem a performar melhor em períodos de juros elevados.

Embora a renda variável continue a oferecer oportunidades, a

falta de gatilhos claros para a recuperação da confiança no mercado pode limitar os ganhos no curto prazo. Nesse sentido, a renda fixa se apresenta como uma alternativa mais estável e previsível, especialmente para quem deseja minimizar riscos e garantir retornos consistentes. A economista da Valor Investimentos conclui que, mesmo em um cenário desafiador, a renda fixa oferece uma excelente oportunidade para construir um portfólio sólido e resiliente. "Com as taxas atuais, é possível equilibrar segurança e rentabilidade, aproveitando o melhor dos dois mundos", afirma.

Formatos

Segundo o educador financeiro Ruda Lins, a renda fixa é negociada em três formatos principais: pós-fixada, pré-fixada e híbrida. Na renda fixa pós-fixada, como o Tesouro Selic ou CDBs com 100% do CDI, o rendimento acompanha a taxa Selic. Na pré-fixada, a taxa de retorno é determinada no momento da

aplicação, enquanto na modalidade híbrida, o rendimento combina o IPCA (índice de inflação) com uma taxa fixa, proporcionando proteção contra a inflação e uma rentabilidade adicional.

Lins ressalta que as taxas de juros brasileiras representam uma vantagem significativa para quem investe em renda fixa. "Não existe nenhum outro lugar do mundo com uma taxa de juros negociada como benefício para a gente. Aqui, com a Selic acima de 10% ao ano, um investimento no Tesouro Selic ou em CDBs é extremamente atrativo. Nos Estados Unidos, por exemplo, um retorno de 3% ao ano já seria muito alto." Essa característica faz com que os investidores brasileiros encontrem oportunidades de rentabilidade acima da média global, mesmo em investimentos conservadores.

Além do retorno elevado, a segurança é um grande diferencial. No Tesouro Direto, os títulos são garantidos pelo governo federal, configurando-se como um dos investimentos mais seguros disponíveis. Já no caso de produtos como CDBs e LCLs, emitidos por instituições financeiras, há a proteção do Fundo Garantidor de Créditos (FGC), que assegura valores de até R\$ 250 mil por CPF em caso de falência da instituição emissora. "Mesmo que o banco quebre, se você investir até o limite garantido, terá acesso ao recurso. Isso proporciona uma segurança muito maior em comparação a outros modelos de investimento e outros países", destaca.

No entanto, Ruda alerta para alguns cuidados importantes. É essencial avaliar a credibilidade da instituição financeira emissora, já que, atualmente, qualquer banco pode emitir CDBs. Outro ponto que merece atenção é o fenômeno da marcação a mercado, que impacta os títulos pré-fixados e híbridos. Esse ajuste diário do valor dos títulos pode gerar rentabilidade negativa no curto prazo, mesmo em investimentos considerados seguros. Ele ressalta que títulos pós-fixados, como o Tesouro Selic, não enfrentam essa volatilidade, sendo, portanto, mais estáveis.

Combinando alta rentabilidade e segurança, a renda fixa se consolida como uma escolha estratégica para os investidores brasileiros. Ainda assim, é fundamental analisar os riscos e características de cada título, escolhendo opções que se alinhem ao perfil e aos objetivos financeiros. Segundo Lins, "a maior vantagem da renda fixa no Brasil é oferecer segurança e um rendimento muito maior em comparação a outros países. Mas é essencial estar atento à instituição financeira e às particularidades de cada modalidade de investimento. Dessa forma, é possível aproveitar ao máximo os benefícios da renda fixa, minimizando riscos e otimizando retornos".